

A ARTE DE SEMEAR: RELAÇÕES ENTRE LINGUAGEM E CULTURA NO GRUPO SEMENTE DE TEATRO AMADOR

Emilly Nayra Soares Albuquerque¹

RESUMO: O presente artigo tem o objetivo de analisar as relações entre linguagem e cultura na trajetória de um grupo artístico de teatro amador, emergente ao final da década de 70 na cidade de Rio Branco, Acre. Intitulado como Semente, o grupo será analisado a partir da perspectiva de linguagem e cultura com base nas discussões teóricas de Williams (1979), Foucault (2000) e Certeau (1998), articulando as possíveis relações estabelecidas pelos integrantes do grupo, pela interação dos mesmos entre si e para com a sociedade do período, compreendendo o contexto político, econômico e social que os envolviam. A análise das narrativas dos jornais impressos *O Rio Branco*, *O jornal*, entrevistas realizadas com os principais integrantes do Semente, partindo da perspectiva de Portelli (2010) em utilizar a fonte oral como alternativa para abrir e alcançar espaços de falas para memórias que resistem e sobrevivem em um processo de luta, em conjunto com a revisão bibliográfica de outros trabalhos voltados para a análise de grupos artísticos existentes no período e na região, constituem os principais suportes teóricos e metodológico utilizados para a seleção de fontes em busca de apreender um estudo sobre o objeto de pesquisa.

Palavras-chave: Teatro Amador; Linguagem; Cultura

ABSTRACT: This article aims to analyze the relationships between language e culture in the trajectory of na artistic group of emerging amauter theater at the end of decade of 70 in the Rio Branco – Acre. Wiht the Semente name, the group will be analyzed from the perspective of language and culture based on the discussions of Williams (1979), Foucault (2000) e Certeau (1998), articulating the possible relationships established by the group members, trough the interaction between them and the society of the period, comprising the political, economic and social contexto that involved them. The analysis of the narratives of printed *O Rio Branco* newspapers, interviews with the main members of the seed, together with the bibliographic review oh other studies focused on the analysis of artistic groups existing in the period and in the region, constitute the main methodologies and spaces for the selection of sources that i sought to contextualize the object of study from the perspective of this analysis.

Keywords: Amauter Theater; Language, Culture

A ARTE DE SEMEAR

Semente: “qualquer substância ou grão que se deita à terra para germinar”², de acordo com a definição formal do substantivo semente. Para os integrantes e precursores do grupo de teatro, a ideia central que motivou a criação do grupo estava relacionada com o sentido denotativo da palavra semear: plantar com o objetivo de germinar algo, implantar uma semente, ou melhor, sementes, todavia, com o intuito de incentivar o crescimento de ideias, problematizações, criações e despertar

¹ Professora substituta da área de História na Universidade Federal do Acre, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre.

² Dicionário online de português, disponível em: <https://www.dicio.com.br/semente/>

espaços para debates, diálogos, aguçando o pensamento crítico tanto daqueles que estavam envolvidos com o fazer teatral, como para os que assistiam as apresentações artísticas.

O viés da arte politizada com engajamento social marcava as práticas artísticas do Semente. O teatro servia como expressão, como maneira alternativa de dizer algo e destinado para públicos que compreendiam as apresentações artísticas enquanto espaços múltiplos para o diálogo, com possibilidades de reflexão, encontrando no fazer artístico uma forma de linguagem e interação.

ÓTIMAS OPORTUNIDADES DE LUCROS NA AMAZÔNIA: A ONDA PECUARISTA

O incentivo para a implantação da pecuária na região e desativação dos seringais, onde homens denominados como “seringueiros” trabalhavam na extração do látex e produção da borracha³, era uma posição governamental que buscava encontrar êxito para uma nova atividade econômica para a região, acabando por determinar a desocupação destes sujeitos que viviam da atividade gumífera. A saída desses sujeitos, com suas respectivas famílias, desempregados e desprovidos de condições financeiras para habitarem e desenvolverem outra atividade rentável, fez com que o espaço urbano passasse a ser alvo e alternativa de habitação.



Figura 01: Aproveite as ofertas da Amazônia para a temporada de incentivos, Jornal *O rio branco* nº, p. 07, 27/03/1977 - Acervo do Museu Universitário da Universidade Federal do Acre

A imagem acima dialoga com os objetivos e interesses institucionais estruturados para a região, percebemos que a Amazônia é apresentada como um espaço disponível para o desenvolvimento de múltiplas atividades econômicas, voltadas para a obtenção de lucros. A floresta vai perdendo sua imensidão para a implantação de tecnologias, cultivo da pecuária e instalações de redes de comunicações e outros aparatos que estão ligados ao crescimento de inovações.

Podemos compreender a ilustração como uma reconfiguração do espaço que se volta para um acúmulo de afazeres rentáveis, seja com a implantação de máquinas, construção de prédios e a exploração dos recursos naturais existentes na região, como podemos visualizar frações de madeiras expostas sobre a superfície da terra, enquanto as árvores que ainda aparecem são postas em um segundo plano, entre um equipamento e outro, para que o foco principal da imagem seja a afirmativa de que a região é um espaço investimentos prósperos.

3 Nome científico *Hevea brasiliensis* e também conhecida como árvore da borracha.

Em meios as narrativas e propagandas governamentais para o investimento em terras da Amazônia, enfatizando a corrente “onda” de aplicações para a atividade pecuária, também havia o registro de alguns dos problemas sociais que ocorriam na cidade, relatando o aumento da criminalidade como consequência de um “inchamento demográfico”, assim como afirma o colunista, “criando-se um problema social que não cabe aqui analisar com a profundidade devida” (*O Rio Branco*, 10/08/1978, nº 0385, p. 03. Acervo do Museu Universitário da Ufac).

Uma das matérias do *O Rio Branco* intitulada “O ex-seringueiro marginalizado”, descreve a queixa de um deputado sobre a situação de trabalhadores que após a desativação dos seringais e o incentivo para o desenvolvimento de outras atividades econômicas na região, predominando a pecuária, fizeram com que sujeitos fossem deslocados e reportados para espaços insalubres. “O fechamento dos seringais cria a marginalização do homem, passando a viver como pária na periferia das cidades, principalmente em Rio Branco, cita como exemplo os bairros Bahia, Cidade Nova e Palheiral” (*O Rio Branco*, 15/08/1978, nº 0400, p. 06. Acervo do Museu Universitário da Ufac).

LINGUAGEM E CULTURA NO SEMENTE

As articulações do Semente, o espaço múltiplo de diálogo, em conjunto com os integrantes que fizeram do grupo artístico uma vontade de dizer alguma coisa, relacionando com o contexto da época, estimulando sujeitos para o debate ao final dos espetáculos a partir da sua percepção de ver algum fato ou acontecimento que já fazia parte da sua vivência no espaço dos bairros periféricos de Rio Branco, são relações que estabelecemos como parte das culturas e outras formas de linguagens que criaram alternativas para expressar posições políticas, questionamentos em torno dos problemas sociais, marcando a passagem do Semente como uma arte da manifestação, um meio de exteriorizar expressões que iam ao encontro de outros pensamentos de quem os assistiam.

Para desenvolver um olhar visando analisar o grupo artístico a partir das suas interações e formas de expressões, abordando e dialogando com as especificidades da região e da época, utilizamos conceitos e algumas considerações de Certeau (1998), compreendendo as ações dos sujeitos que tornavam a arte como passaporte de expressão, com o intuito de dialogar e difundir a sua ideia lançada sobre o outro que, ao assistir espetáculos e participar de debates, já conseguiam articular seus próprios caminhos de expressão e seus apontamentos sobre o que estava sendo retratado pelo Semente.

Partindo das perspectivas de Certeau na obra *A invenção do cotidiano – artes do fazer*, observa-se que o autor trabalha com a categoria do homem ordinário, sendo aquele sujeito que mesmo inserido em uma sociedade de leis, políticas e diretrizes que o aprisiona em uma determinada posição e o limita para que permaneça inerte, posicionado naqueles determinados espaços de atuação, regidos por uma ordem superior que o obriga a segui-la, esse homem consegue burlar todo o aparato de vigilância, criando suas próprias formas de existência. O homem ordinário para Certeau é aquele que consegue encontrar alternativas dentro de uma ordem maior, que o engloba como sujeito vivendo de acordo com domínios que os inspecionam, monitorando seus afazeres, criando possibilidades dentro do próprio sistema a fim de satisfazer seus anseios, suas vontades, transformando o que é imposto e criando novas possibilidades de adequar as determinações, de acordo com suas necessidades e a partir do espaço e tempo que está inserido.

O homem ordinário é o locutor. Ele é no discurso o ponto de junção entre o sábio e o comum – o retorno do outro (todo mundo e ninguém). Traça ali a ultrapassagem da especialidade da banalidade, e a recondução do saber a seu pressuposto geral: não sei nada de sério, sou como todo mundo. (CERTEAU, 2000, p. 63).

É a partir do olhar que os generalizam, que homens comuns vão buscar burlar o que sendo imposto como regra e passa a transformar em algo que seja útil para o seu cotidiano, seja para satisfazer seus anseios, vontades e desejos, ou buscar utilidade e serventia, transformando o que recebe em uma apropriação a seu serviço. Ao mesmo tempo que é taxado como uma multidão generalizada, como massa submetida a enquadramentos de ordens superiores que o absorvem como ninguém, pertencente a um lugar comum a todos, é dentro do próprio sistema que o homem vai encontrar seu lugar de fala, seu espaço de construção e desconstrução, movendo-se e alcançando horizontes inalcançáveis por ter a habilidade de encontrar nas artes do fazer, o seu próprio meio de significação.

Se é verdade que por toda parte se estende e se precisa a rede de vigilância, mais urgente ainda é descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela: que procedimentos populares jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los, enfim, que “maneiras de fazer” formam a contrapartida, do lado dos consumidores, dos processos mudos que organizam a ordenação sócio-política. (CERTEAU, 2000, p. 41).

O homem ordinário utiliza a condição que o insere como “igual aos demais” para burlar diretrizes e regimentos que tentam controlá-lo como pertencente a uma multidão generalizada e uniforme, posta como incapaz de produzir seus próprios meios de significações e de vivências. A partir desta perspectiva de Certeau, compreendemos as articulações do Semente como uma “arte de fazer”, como estratégia do fraco para encontrar suas alternativas de expressões, carregadas de simbologias e posicionamentos políticos dentro da experiência com o teatro, trazendo o diálogo entre integrantes, espectadores e para a população como um todo que se envolvia com os fazeres artísticos.

Utilizando a categoria de homem ordinário de Certeau, analisamos as articulações e temáticas trabalhadas pelo Semente como formas de linguagens, de expressões e de problematizações voltadas para a política governamental que desarticulavam trabalhos nos seringais com a extração do látex e incentivava a atividade pecuarista para ocupar os lotes de terras que passariam, desde então, a serem destinados aos pastos para a criação de gado. O espaço urbano era marcado pela eclosão de bairros periféricos, formados por ex seringueiros, famílias carentes de estruturas para moradias, privados de alimentações diárias e falta de trabalho para manter a renda familiar.

O desemprego, a criminalidade, problemas estruturais ligados aos bairros formados por sujeitos que não detinham as condições necessárias para viver em situação de escolher seus espaços de habitações, fazendo com que ocorressem invasões em espaços insalubres, afastados concentrando moradias de maneira que não seguiam a ordem estrutural dos espaços urbanos de acordo com o ordenamento governamental, eram situações e vivências que além de serem destacadas pelo Semente através do meio artístico, também era temática para reflexões por quem os assistiam, ou seja, os sujeitos viam no teatro, possibilidades de construção de sentidos, espaços múltiplos de diálogo, formando debates sobre o que estava sendo debatido através das peças teatrais e que fazia parte do seu cotidiano das experiências dos bairros.

De acordo com a entrevista realizada com um dos integrantes do Semente, podemos analisar as possibilidades de diálogo, debates e questionamentos que surgiam através das apresentações artísticas:

Normalmente a gente era bem recepcionado, agora obviamente por exemplo, toda vez que a gente apresentava um espetáculo, a gente abria em seguida para o debate, e as vezes o debate, demorava mais do que o tempo da peça, e aí de acordo com os interesses,

tinha gente que ia pra lá só pra discutir política, as vezes pegava qualquer aspecto da peça e aproveitava pra fazer aquilo. Mas havia coisas fantásticas, como por exemplo, e... pessoas que se identificavam muito, com o que estava acontecendo, eu lembro que na Vila Beira do Barranco, e... que o José que é aquele que e... ele... mata a maria e, por uma questão de amor, e quando esse fato tá acontecendo, a gente ver as pessoas cochichando na plateia, elas identificando casos da realidade dela com o que tá havendo ali... Então, com isso a gente pode ver que havia uma significação muito grande, e havia inclusive um perigo, porque... as pessoas quando via um certo personagem, lá e ali tudo misturado que não havia uma distância que separava, o público do ator né, eles chegavam ao ponto de assumir posições, de e... de enfrentamentos de querer enfrentar aquele personagem que, tava fazendo mal, que tava fazendo coisa errada, por isso era importante que quando terminava a peça, todos os atores vinham e sentavam lá e passava a conversar para que eles convivessem com eles, que não... eram atores né (Entrevista com **Henrique Soares Silvestre** em 03 de outubro de 2016).

Partindo das concepções de Certeau, analisamos as relações do Semente e suas práticas para com a sociedade do período, como táticas criadas por sujeitos comuns que variam de acordo com o tempo e as especificidades que os cercam, isto é, não seguem regras ou padrões para serem articuladas, mas foram estabelecidas por sujeitos que buscaram em práticas cotidianas como falar, ler, circular, conversar e habitar, suas formas de significação, sentidos, linguagens e práticas culturais.

Em entrevista realizada com um dos integrantes do Semente, podemos analisar as interações estabelecidas entre membros do grupo artístico e espectadores, buscando criar um espaço de diálogo a partir do teatro, articulando discussões em torno de temáticas que faziam parte das experiências dos sujeitos que assistiam e se envolviam com a trama trabalhada na apresentação teatral.

Normalmente a gente era bem recepcionado, agora obviamente por exemplo, toda vez que a gente apresentava um espetáculo, a gente abria em seguida para o debate, e as vezes o debate, demorava mais do que o tempo da peça, e aí de acordo com os interesses, tinha gente que ia pra lá só pra discutir política, as vezes pegava qualquer aspecto da peça e aproveitava pra fazer aquilo. Mas havia coisas fantásticas, como por exemplo, e... pessoas que se identificavam muito, com o que tava acontecendo, eu lembro que na Vila Beira do Barranco, e... que o José que é aquele que e... ele... mata a maria e, por uma questão de amor, e quando esse fato tá acontecendo, a gente ver as pessoas cochichando na plateia, elas identificando casos da realidade dela com o que ta havendo ali.(Entrevista com **José Dourado de Souza**, em 24.02.2016).

“O debate durava mais que o tempo da peça”, “tinha gente que ia lá só pra discutir política” são fragmentos da fala de um dos integrantes do grupo que analisamos como parte da tática de criar espaços de linguagens, resistindo em meios às situações que não favoreciam a construção de diálogos e troca de ideais em torno de questionamentos sobre a conjuntura do período. Com base nas concepções de Certeau, analisamos a arte manifestada pelo Semente como tática para estabelecer práticas culturais que envolveram sujeitos que se interessavam em criar espaços para pensamentos críticos, dialogando em torno das questões políticas, sociais e econômicas, além de criarem espaços de trocas culturais, alternativas populares que formavam suas próprias maneiras de fazer e de interagir com a arte.

Compreendemos a atuação do Semente como práticas de ressignificação das questões políticas, econômicas e sociais do período através da arte. A peça *Vila Beira do Barranco* que além de ser levada para bairros periféricos de Rio Branco, como o Bahia, Estação Experimental, onde mais concentrava a população desprovida de condições básicas de habitação, alimentação e emprego, também foi levada para municípios do interior do Acre, como Sena Madureira e Xapuri.

Partindo de Certeau, compreendemos as relações do Semente para com a sociedade da época, enquanto atividade cultural engajada por sujeitos comuns que buscavam criar suas próprias maneiras de simbolizar. “As táticas de consumo, engenhosidades do fraco, para tirar partido do forte, vão desembocar em uma politização das práticas cotidianas” (CERTEAU, 2000, p. 45). Desta maneira, percebemos que a cultura passa a ser manifestada através das táticas, das artes dos sujeitos comuns que vão articulando seus próprios meios de exprimir seus anseios, seus posicionamentos políticos, ideológicos e suas vontades de fazer, de acordo com o espaço e tempo em que vivem.

Os espetáculos permitiam a disseminação da reflexão, buscando através da interação com aqueles que os assistiam, gerar o debate e espaços de expressões, criando táticas elaboradas por sujeitos comuns que encontravam seus próprios meios de manifestação por meio da relação direta que instigava a participação dos espectadores, gerando uma não passividade, ou seja, sujeitos envolviam-se com as temáticas elaboradas através da arte, gerando seus próprios meios de consumo do que estava sendo apresentado pelo Semente, estabelecendo uma conexão de como a arte tinha uma relação com o que viviam em seu cotidiano.

De acordo com a perspectiva de Williams (1979), compreendemos os fazeres do Grupo Semente como parte da construção cultural da cidade de Rio Branco, na medida em que desenvolviam um trabalho que interagia com a sociedade da época construindo trabalhos com temáticas que tinham ligações com o contexto do período.

Utilizando da categoria do “homem que se faz a si mesmo, pela produção de seus próprios meios de vida”. (WILLIAMS, 1979, p. 24). Analisamos o Semente como esse espaço de múltiplas experiências, produzidas por homens comuns que ao mesmo tempo que se expressavam através da arte, mostravam aos seus espectadores as várias possibilidades de compreender os acontecimentos que os rodeavam, seja na vivência dos bairros ou refletindo sobre as transformações políticas, econômicas ou sociais como um todo.

As possibilidades totais do conceito de cultura como um processo social constitutivo, que cria “modos de vida” específicos e diferentes, que poderiam ter sido aprofundados de forma notável pela ênfase no processo social material, foram por longo tempo irrealizadas, e com frequência substituídas na prática por um universalismo abstrato unilinear. (WILLIAMS, 1979, p. 25).

Partindo do conceito de cultura que se entrelaça com os demais conceitos existentes em sociedade, fruto das relações materiais entre sujeitos, a cultura no Semente é vista de maneira múltipla, na medida em que é gerada a partir da sociedade em que viveram, ou seja, são as condições do espaço e tempo que irão influenciar nas produções culturais de determinada época. Desta maneira, não podemos estabelecer uma relação de dependência entre os acontecimentos e a criação de um grupo artístico de teatro amador ao final da década de 70 em Rio Branco, Acre, mas o analisamos como fruto dos processos que ocorreram neste período, isto é, as produções artísticas, apresentações em bairros, municípios e espaços comunitários não eram de maneira ingênua, mas partiam de um posicionamento ideológico, havia discursos e narrativas que permeavam estes espaços, e é por meio deste fluxo que analisamos a prática cultural no Semente.

Na maioria das descrições e análises, cultura e sociedade são expressas num passado habitual. A mais forte barreira ao reconhecimento da atividade cultural humana é essa transformação imediata e regular da experiência em produtos acabados. O que é defensível como um procedimento na história consciente, onde segundo certas posições pode-se considerar muitas ações como concluídas, é habitualmente projetado, não só na substância sempre em movimento do passado, mas na vida contemporânea, na qual as relações, instituições e formações em que estamos ativamente envolvidos são transformados, por

esse modo de procedimento, em todos formados, e não em processos em formação e formativos. A análise se centraliza então nas relações entre essas instituições produzidas, formações e experiências. (WILLIAMS, 1979, p. 129).

De acordo com o teórico da cultura, precisamos fugir de armadilhas que nos inviabiliza compreender as práticas culturais como espaços de movimentos, ações múltiplas com significações em nosso cotidiano. É neste caminho que a passagem do Semente é compreendida como prática cultural, com relações, expressões e simbologias que contribuem para inquietações e problemáticas do nosso presente.

Os métodos de análise e escolhas teóricas nos possibilitam caminhar por horizontes que nos viabilizam o estudo das manifestações culturais de maneiras ativas, influentes em nossa relação com o passado, do contrário, uma análise voltada para uma produção cultural como algo pertencente apenas ao passado impossibilitaria a análise de novos aspectos, perspectivas seriam delimitadas por um reducionismo inerente apenas a um passado inerte.

O olhar para a cultura está direcionado à perspectiva de realizar uma análise cultural que inclui e reconhece a importância de vários outros aspectos da sociedade para compreender a concepção de cultura, sejam eles de base econômica, social ou política. A concepção de cultura trabalhada por Williams, nos possibilita compreender as atividades culturais como processos básicos de formação de sujeitos. Por meio de análise que reconhece a relevância dos processos sociais e materiais, é possível compreender práticas culturais que até então não eram reconhecidas de tal maneira, pela permanência de perspectivas que concebiam a cultura de maneira isolada da produção material de uma sociedade. Desta maneira, as relações entre os conceitos de linguagem e cultura do Semente são interpretadas como parte de outros aspectos que fizeram parte da sociedade do período.

A concepção de linguagem trabalhada a partir de Foucault (1998), busca romper com a perspectiva dos linguistas, que apresenta o campo da linguagem na visão tradicional enquanto um sistema que exclui e inclui, na medida em que ficcionaliza a realidade, fazendo com que passamos a tomá-la como verdade, detentora de um sentido único de compreensão. Buscando romper com o sistema linguístico, pela condição de atuar enquanto uma ordem que nos aprisionam e limita a existência de outras maneiras de expressões, o autor ressalta a importância de ir além da estruturação da linguagem enquanto um sistema natural e universal, pois “enquanto a dependência da linguagem relativamente à representação não for desfeita em nossa cultura ou a menos contornada, todas as linguagens segundas estarão presas na alternativa da crítica ou do comentário” (FOUCAULT, 1998, p. 112).

Tendo como referência as perspectivas desenvolvidas por Foucault, podemos pensar a concepção de linguagem no Grupo Semente como uma narrativa, um posicionamento e uma forma de conceber o que estava sendo vivenciado. Distante de apreender o real, a linguagem, seguindo as contribuições de Michel Foucault caminha como uma narrativa diante de tantas outras existentes no período.

Em torno das palavras buscamos impor nosso posicionamento diante dos demais, mas não o tomamos como verdade, e sim como uma maneira de conceber o mundo que precisa romper com a noção de significante e significado, pois através do sistema linguístico, ficamos presos a um ordenamento que nos impossibilita a pensar de outras formas e trazer novos significados que não estão dados como algo natural, mas que podem ser possível concebê-los através da problematização do óbvio, do deslocamento de significados. Este seria o meio de dizer outras coisas que fogem da estrutura das palavras e de todo o aparato linguístico.

A partir da apropriação teórica de Foucault, compreendemos o Semente através da arte encontrar formas de linguagens alternativas, por meio da encenação, cenário, recurso de luzes, articulação entre atores e outros aparatos do meio artístico. Seja entre os integrantes ou com os demais sujeitos que se envolviam com o grupo artístico, buscamos compreender as formas de “dizer” do grupo de acordo com a intenção de se posicionar de determinada forma, utilizando recursos e maneiras distintas que instigaram a criação de debates, pensamentos e ideais. Buscando ir além das palavras, as relações estabelecidas pelo Semente iam além do poder institucionalizado e a arte passou a ser utilizada como formas de dizer e de criar.

A linguagem no Semente é compreendida a partir do conjunto de contribuições que Foucault estabelece para alcançarmos novos significados que fogem das palavras, tendo em vista que as mesmas não dão conta do real, não possuindo a autonomia de dizer como as coisas são, mas através do rompimento de uma ordem linguística podemos encontrar formas de dizer, e nesta escolha de dizer certas coisas e não outras, é que procuramos compreender a contribuição do Semente a partir da sua relação de linguagem e cultura, inserido em um espaço e um tempo.

UMA VONTADE DE FAZER

Vila Beira do Barranco é a primeira peça teatral trabalhada pelo grupo, é considerada pelos integrantes como o primeiro trabalho enquanto grupo artístico, com o objetivo de ser encenada para o público em geral. Levada para os bairros, o teatro ia ao encontro dos sujeitos espectadores:

Mas surgiu um texto que foi dum colega meu de ensino médio, o Antônio Manoel, e... esse texto ele fez durante as aulas que a gente tinha lá, de ensino médio, do CESEME, que hoje é o CEBRB, era um texto poético que ficou o título chamado *meritíssimo senhor juiz, senhores jurados, né*, que era um julgamento de um assassinato que aconteceu, num bairro periférico aqui da cidade, um caso passionai mas que retratava toda uma realidade das pessoas que tinham sido expulsa do seringal e tinham vindo pra cá. Esse texto então, nos chamou muita atenção, e aí eu comecei a trabalhar uma possibilidade de transformar esse texto e... numa peça de teatro. E aí nós fomos trabalhando, trabalhando, e findou saindo um texto chamado “vila beira do Barranco”, aí esse texto vila beira do barranco é que marca a afirmação do Grupo Semente, como um grupo de teatro [...] (Entrevista de José Dourado de Souza, 24 de fev. 2016).

Os bairros periféricos, centros comunitários e outros espaços dedicados para apresentações artísticas, seriam as condições ideais para que uma semente fosse plantada, os espaços de apresentações eram as estruturas necessárias que condicionariam a disseminação da “semente”. A intenção era que ela ficasse pronta para entrar em contato com o solo, que, a partir de então, seria responsável por geri-la, e este processamento seria o resultado de um trabalho que buscava despertar o olhar crítico de sujeito, buscando articular espaços de trocas de experiências e expressões, marcados por debates em torno das transformações impostas por políticas, transformações econômicas e problemas sociais presentes no espaço urbano que não favoreciam o despertar destes sujeitos a fim de criarem seus próprios meios de articulação

GRUPO SEMENTE

Esse grupo surgiu da necessidade que sentiram algumas pessoas em participarem da formação sócio-cultural do povo acreano. Como o veículo de expressão dessas pessoas era o teatro, elas se reuniram em torno do texto de um jovem autor nosso, Antônio Manoel, para com esse texto concretizarem sua intenção. (Chico Pop. A cidade se diverte. Jornal *O Rio Branco*, 13/08/1978, nº 0388, p.05. Acervo do Museu Universitário da Universidade Federal do Acre).

ASSIM, SEMENTE DEFINE SEU TRABALHO

“Um jornal da cidade noticia o bárbaro crime acontecido numa vila afastada, distante da grande movimentação de quem tem seu tempo tomado demais para lembrar o quanto está só com a sua única companhia; o lucro. O desenrolar da peça de Antônio Manoel procura mostrar alguns dos motivos/ sentimentos dos envolvidos no crime que o jornal ignora e a cidade não sente. Não justifica o crime nem inocenta o assassino, apenas denuncia o cúmplice silêncio de uma sociedade geradora de assassinos e que se fecha aos seus próprios filhos. Mostra os contrastes moralismo/ realidade sofredora dos que lutam contra a fome com suas próprias armas”. A direção é de José Dourado. Um elenco composto por Henrique Silvestre, Acirema Oliveira, Maria Vilma, Paulo Carvalho, Clarisse Batista, Carlos de Souza, José Souza e Luiz Barbosa. A estréia está marcada para o próximo dia 14 (sábado), às 19 horas, no Bairro Bahia. (Chico Pop. A cidade se diverte. *Jornal O Rio Branco*, 13/08/1978, nº 0388, p.05. Acervo do Museu Universitário da Universidade Federal do Acre).

A apresentação do fazer teatral elaborada pelos integrantes do Semente para o periódico de grande circulação do período, ressalta que não há intenção de justificar o crime da peça teatral em detrimento das condições em que vivem a população dos bairros periféricos. Longe de encontrar culpados para uma peça artística que se assemelha a fatos que não se distancia do que é habitual nas periferias de Rio Branco, *Vila Beira do Barranco* carrega o posicionamento de um teatro politizado para seus integrantes, uma arte que faz com que sujeitos espectadores, atores e a todos envolvidos com o Semente consigam visualizar algum aspecto do seu cotidiano em cima dos palcos.

Analisamos a narrativa construída pelo Semente a partir da peça teatral levada aos bairros periféricos e centro comunitários de Rio Branco, como uma vontade de refletir em torno do cotidiano de sujeitos que “Lutam com suas próprias armas” tal como escrevem na coluna do jornal, reconstruindo suas formas de consumir o que estava sendo produzido dentro da sociedade do período, ressaltando ainda a figura do sujeito como detentor das suas próprias forças para modificar a sua interação com o meio social, de acordo com suas condições de uso, conseguindo modificar o que estava sendo imposto pela sociedade do período.

A perspectiva que trazemos para os integrantes e espectadores do Semente que de alguma maneira se envolviam com as tramas artísticas, partindo das escolhas teóricas e metodológica da pesquisa, é a noção do homem que age pelas margens, em meios às regras e ordenamentos, utilizando dos aparatos que os ordenam e limitam, mas que consegue sobressair dentro de toda a conjuntura controladora e rede de vigilância, articulando seus próprios meios de existência, burlando regras e ressignificando a sua vivência em sociedade, de acordo com suas necessidades, enquanto sujeito atuante nas questões que refletem sobre o contexto político, econômico e social em que vive.

REFERÊNCIAS

- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano. Artes de fazer.** Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3. ed., Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1998.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas – uma arqueologia das Ciências Humanas.** Trad. SalmmaTannusMuchail 8. Ed., : São Paulo, Martins Fontes, 2000.
- PORTELLI, A. **Ensaio de História Oral.** Tradução de Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago. São Paulo: Editora Letra e voz, 2010.
- SILVESTRE, H.S. Grupo Semente: Depoimento. [03 de outubro, 2016]. Rio Branco, Acre. Entrevista concedida a Emily Nayra Soares Albuquerque.
- SOUZA, J.D. Grupo Semente: Depoimento. [24 de fevereiro, 2016]. Rio Branco, Acre. Entrevista concedida a Emily Nayra Soares Albuquerque.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Tradução de Waltensir Dutra, Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1979.

Data de submissão: 31/05/2019

Data de aprovação: 20/05/2019